

PATRONÍMIAS E PATRONÍMICOS: A RELAÇÃO ENTRE OS GUERREIROS MENORES DA *ILÍADA* E SEUS ANCESTRAIS

PATRONYMIES AND PATRONYMICS: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE *ILIAD'S* MINOR WARRIORS AND THEIR ANCESTORS

TATIANA ALVARENGA CHANOCA*

Resumo: Este artigo busca demonstrar as relações existentes entre os nomes dos guerreiros menores da *Ilíada* (isto é, aqueles que têm uma participação pequena no poema, sendo muitas vezes mencionados apenas uma vez, em geral no momento de sua morte) e os de seus ancestrais; relação que pode ser obtida através dos significados dos nomes, através de sua grafia ou ainda através de informações que o poema apresenta sobre os combatentes e sobre seus ancestrais.

Palavras-chave: Guerreiros menores da *Ilíada*; onomástica; Homero; patronímia.

Abstract: This paper aims to demonstrate the relationships that exist between the names of the *Iliad's* minor warriors (that is, those who appear little in the poem, often being mentioned only once, usually at the moment of their death) and those of their ancestors; a relationship that can be obtained through the meanings of the names, through their spelling, or through information that the poem presents about the combatants and their ancestors.

Keywords: *Iliad's* minor warriors; onomastics; Homer; patronymy.

Considera-se geralmente que, segundo a perspectiva das sociedades homéricas, havia duas maneiras pelas quais um homem poderia alcançar a imortalidade: pela descendência e pela fama. No caso da fama, a imortalidade viria pela voz dos aedos, que cantam os feitos dos heróis e assim levam-nos para a posteridade, pois cada vez que o nome do herói for cantado (ou lido, já numa cultura escrita), a glória de seu dono renascerá (cf. SVENBRO, 1993).¹ Já no que concerne à descendência, ela permite que uma pessoa atribua aos

* Pesquisadora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8541-1719>. Email: tatianachanoca@gmail.com.

¹ Sobre a glória imortal do herói, ver, por exemplo, a obra *Antiga Musa: arqueologia da ficção*, de Jacyntho Lins Brandão, e os artigos A bela morte e o cadáver ultrajado, de Jean-Pierre Vernant, e Nota crítica à 'bela morte' vernantiana, de Teodoro Rennó Assunção.

seus descendentes nomes que evoquem a memória dos ancestrais, garantindo a transmissão de alguma glória: “o homem homérico quer existir através dos seus descendentes e através daqueles que ouvirem a história dele” (BOUVIER, 2002, p. 116). Assim, mesmo morto, o ὄνοματοθέτης – aquele que nomeia – segue imortal.¹ Ao fim e ao cabo, porém, essas duas maneiras de alcançar a imortalidade se resumem à fama, pois quem não pôde realizar um feito grandioso, ao nível heroico, tem a procriação como único modo de se imortalizar, contudo para que essa imortalidade não seja anônima, é preciso que seus filhos realizem feitos heroicos (SVENBRO, 1993, p. 68). Desse modo, no caso da descendência a imortalidade é “terceirizada”, já que sua existência depende dos feitos memoráveis dos descendentes do ὄνοματοθέτης. É o caso de Anquises e Eneias, por exemplo, em que Anquises depende do destaque de Eneias como guerreiro para ter também glória imortal. Note-se, porém, que essas maneiras de se tornar imortal não são excludentes, como mostra por exemplo o caso de Aquiles, que é famoso por seus feitos e pela glória adquirida por Neoptólemo (“jovem guerreiro”), cujo nome pode remeter a Aquiles, que teria ido jovem para a guerra.²

A patronímia – costume de nomear os descendentes a partir de um elemento característico de um ancestral mais ou menos próximo ao portador – não só reforçaria os laços entre pais e filhos na forma de uma projeção sobre a criança, por parte de seu pai ou avô, de um desejo de imortalidade

¹ Essa imortalidade através da gênese está presente também em Platão: em *Leis* (IV, 721b-c), Clíncias diz que o casamento (especificamente a descendência advinda deste, certamente) é a maneira que a natureza deu aos humanos para alcançar naturalmente a imortalidade, que é um desejo inerente ao ser humano, e no *Banquete* (208 c-e) Diotima diz que para conquistar “glória imortal por toda a eternidade”, os homens estão dispostos a passar por diversos perigos, gastar toda a sua fortuna e sacrificar a própria vida: “é só pela imortalidade do mérito e pela fama gloriosa que todos fazem o que fazem, e com tanto maior empenho quanto mais nobres forem, pois não há quem não ame a imortalidade. Os indivíduos [...] cuja força fecundante reside apenas no corpo, voltam-se de preferência para as mulheres [...] a fim de gerar filhos e, por esse modo, assegurar para si próprios, conforme creem, a imortalidade, ventura e renome duradouro no perpassar intêrmino do tempo” (tradução de Carlos Alberto Nunes). Embora a glória seja para os homens o que há de mais importante, e seja ela a guiar todas as ações (porque é ela que garante a imortalidade do herói), é a gênese que torna possível essa imortalidade, uma vez que “sem posteridade biológica não há posteridade espiritual” (SVENBRO, 1993, p. 67).

² Antes a criança se chamaria Pirro, passando depois a ser chamada de Neoptólemo (Apollodoro, *Biblioteca*, III, 174, 6-7). Sulzberger (1926, p. 389-390) levanta a possibilidade de o nome *Neoptólemo* se referir ao próprio portador, já que ele, assim como Aquiles, teria ido ainda jovem para a guerra (veja-se Apollod., *Epítome*, V, 11-12; Homero, *Odiseia*, XI, 505-540).

marcado por uma virtude particular, visto que aparentemente uma conformidade entre o caráter e o destino de ambos era desejável, mas também mantém nas crianças características dos ancestrais. O estudo dos poemas homéricos sugere que haveria uma crença na virtude do nome próprio e na sua capacidade de influenciar o destino de seu portador, e então a patronímia seria “um meio de se manter, confirmar e perpetuar os elos que unem os representantes sucessivos do γένος” (SULZBERGER, 1926, p. 405). No artigo Ὅνομα ἐπώνυμον: les noms propres chez Homère et dans la mythologie grecque, Max Sulzberger constrói uma cronologia da história da patronímia a partir do estudo dos poemas de Homero e de Hesíodo, mas como o próprio Sulzberger ressalta, os costumes homéricos talvez não correspondam aos usos reais, e a cronologia construída pode não ser exata, mas oferece ainda assim uma taxonomia útil para a compreensão de seu funcionamento. Mesmo as épocas em que cada tipo de patronímia foi utilizada são difíceis de definir, tanto pela estratificação dos textos antigos como pela aparente sobreposição dos usos – ou seja, a patronímia mudaria, mas os antigos costumes não se perderiam. Posteriormente, inclusive, como defende Jesper Svenbro, o trabalho de Sulzberger seria considerado desatualizado justamente por causa dessa divisão cronológica da patronímia. Além disso, o autor inclui entre os exemplos das patronímias mais “recentes” personagens que poderiam ser anteriores à guerra de Troia, já que são mencionados apenas numa história sobre Tideu e os “sete contra Tebas” contada por Agamêmnon (*Il.*, IV, 370-400).³ Assim, descartaremos aqui a ideia da divisão em estágios, mas manteremos a tipologia elaborada por Max Sulzberger, e sua numeração também será mantida, mas apenas para fins de diferenciação tipológica, não cronológica. A partir de seus estudos, Sulzberger dividiu a patronímia em sete tipos:

³ Esses personagens são Polifontes e Autófono, que possivelmente foram inventados para a ocasião, uma vez que não são mencionados por outros autores, como Apolodoro ou Pausânias. G. S. Kirk (1985a, p. 371-372) acredita ser improvável que eles tenham sido nomeados acidentalmente, mas não diz algo sobre sua existência em outros mitos ou se poderiam ser uma invenção de Homero. Há, de fato, um Polifontes na tragédia *Sete contra Tebas*, mas o nome de seu pai não é informado. Apolodoro menciona também duas figuras de nome Polifontes (um é algum heráclida que foi morto por Épito [II, 8, 5], e o outro era um arauto de Laio morto por Édipo [III, 5, 7]). Alguns manuscritos, a vulgata e Eustácio adotam a variação Licofonte, e não Polifontes, mas não há nada sobre ele também. Se a intenção de Sulzberger, porém, é criar uma cronologia, seria estranho que figuras antigas usassem práticas de nomeação que ele considera muito posteriores.

Patronímia	Características	Exemplos
Primeira	A criança recebe um nome relativo a um acontecimento recente na vida de seus pais ou de seu avô	Odisseu (Ὀδυσσεύς, “que odeia” ou “que é odiado”)
Segunda	O nome da criança poderia ser um apelido de seu pai	Poliido (Πολύειδος, “que vê muitas coisas”), filho do intérprete de sonhos Euridamante (Εὐρυδάμας, “que doma largamente”) ⁴
Terceira	A criança é nomeada a partir da profissão de seus pais	Perifetes (Περιφήτης, “que fala por aí”, “que fala sobre”; “que fala muito”), filho do arauto Copreu (Κοπρεύς, relativo a “esterco” ou “estábulo”) ⁵
Quarta	O nome da criança é um sinônimo do nome de seu pai	Estenelau (Σθενέλαος, “com nobre força”) filho de Itêmenes (Ἰθαμένης, “de nobre força”)
Quinta	A criança recebe o mesmo nome do pai ou de um avô (paponímia)	Orsíloco (Ὀρσίλοχος, “que incita fileiras na batalha” ou “que faz emboscadas”), neto de Orsíloco (Ὀρτίλοχος)
Sexta	O nome da criança contém uma parte do nome do pai	Hirômaco (Ἰπρόμαχος, “que combate a cavalo”), filho de Antímaco (Ἀντίμαχος, “que combate contra”)
Sétima	Os nomes terminam em -ιδης, que se tornou um sufixo de patronímicos	x [Não há exemplos de antropônimos em Homero]

Aparentemente construídos fora de um sistema de nomeação fundado na patronímia, e supostamente mais antigo do que ela, os nomes dos deuses, semideuses e de alguns heróis poderiam caracterizar o próprio portador, isto é, são nomes que teriam sido inventados no seio da tradição e pensados

⁴ Os nomes dos guerreiros foram transliterados para a língua portuguesa de acordo com as normas sugeridas por Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto, Maria Isabel Greck Torres e Cristina Maria Negrão Abranches na obra *Do grego e do latim ao português*.

⁵ Aceita-se, em geral, que o nome Copreu viria de κόπρος (‘esterco’, ‘estábulo’), sendo um nome falante relacionado ao fato de que Copreu era o arauto de Euristeu que levava a Hércules as ordens relativas aos trabalhos que ele deveria cumprir, incluindo limpar os estábulos de Augias (cf. KAMPTZ, 1982, § 10a1 [p. 26]; DEMGOL. s.v. Copreu; Apollod. Bibl., II, 76). Richard Janko (1985, p. 298) interpreta o nome como “fazendeiro”.

de modo a projetar um conjunto de qualidades inerentes ao seu portador. Sulzberger acredita que o panteão grego foi formado nessa época anterior ao uso da patronímia, e seriam desse período também nomes de heróis primordiais, que são hoje de difícil compreensão, uma vez que muitos deles (principalmente gregos) seriam de formação pré-histórica; alguns são atestados em micênico e os mais antigos podem ser encontrados em textos hititas.⁶ Já existiria então uma literatura épica abundante, inclusive algum poema sobre a guerra de Troia, mesmo que ainda não fosse uma primeira versão da *Ilíada*, com muitos dos heróis gregos (mas ainda não os troianos). Logo, como a patronímia “deve ter aparecido numa data em que a mitologia heroica já estava fixada nos seus elementos mais antigos”, ela não costuma ser aplicada aos protagonistas da *Ilíada* (SULZBERGER, 1926, p. 402).

Mais tarde as práticas que compõem o que posteriormente caracterizará a patronímia foram introduzidas por uma das populações que constituiriam o povo grego, surgindo a primeira patronímia, na qual a criança era nomeada a partir de algum acontecimento recente da vida de seus pais ou de um avô. Um possível exemplo dessa patronímia é o nome de Odisseu, que, segundo a explicação oferecida no próprio poema, tem relação com o avô do personagem.

Chegando uma vez Autólico à terra fértil de Ítaca,
encontrara o filho recém-nascido da sua filha.
E Euricleia pusera-lhe a criança ao colo, depois que acabara
de jantar, e assim lhe dissera, tratando-o pelo nome:
“Autólico, encontra tu um nome para pôr ao filho
da tua querida filha; muito rezou ela para que nascesse”.
Em resposta lhe dissera então Autólico:
“Meu genro e minha filha! Ponde o nome que vou dizer.
Chego aqui sendo odiado por muitos,
por homens e mulheres, em toda a terra que nos dá sustento.
Por isso que seja Odisseu a sua alcunha.”⁷

⁶ Veja-se sobre isso KANAVOU, 2015 (principalmente os capítulos Introductory Notes e Names From the *Iliad*). Há ainda estudos sobre personagens específicos e seus nomes, como HOLLAND 1993, NAGY 1994; NICOLAEV, 2007; LUCKENBILL, 1911.

⁷ Αὐτόλυκος δ' ἔλθων Ἰθάκης ἐς πῖονα δῆμον/ παῖδα νέον γεγαῶτα κιχίσατο θυγατέρος ἧς/ τὸν ῥά οἱ Εὐρύκλεια φίλοισ' ἐπὶ γούνασι θῆκε/ πανομένῳ δόρποιο, ἔπος τ' ἔφατ' ἕκ τ' ὀνόμαζεν/ “Αὐτόλυκ', αὐτὸς νῦν ὄνομ' εὔρεο, ὅττι κε θεῖο/ παιδὸς παιδὶ φίλω· πολυάρητος δέ τοι ἔστι.”/ τὴν δ' αὖτ' Αὐτόλυκος ἀπαμείβετο φώνησέν τε/ “γαμβρὸς ἐμὸς θυγατέρ τε, τίθεσθ' ὄνομ', ὅττι κεν εἶπω/ πολλοῖσιν γὰρ ἐγὼ γε ὀδυσσάμενος τόδ' ἰκάνω,/ ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξίν ἀνά χθόνα βωπιάνειραν/ τῷ δ' Ὀδυσσεὺς ὄνομ' ἔστω ἐπώνυμον (Hom. *Od.*, XIX, 399-409. Tradução de Frederico Lourenço, ligeiramente modificada). Segundo

Assim, o nome *Odisseu* poderia ser interpretado como “o que odeia” ou “o que é odiado”.⁸

Com a evolução dos costumes sociais e religiosos teria surgido a segunda patronímia, na qual o nome da criança poderia ser um apelido de um de seus pais ou de um avô. O principal exemplo da prática talvez seja *Telêmaco* (Τηλέμαχος), nome que remete a Odisseu, pois tanto pode significar “o que combate longe”, por ele crescer enquanto seu pai estava em Troia,⁹ como “que combate *de* longe”, devido à habilidade de Odisseu com o arco.¹⁰ Odisseu deu ao seu filho um nome relacionado à sua própria identidade, “como se importasse que os nomes dos filhos lembrassem a identidade dos pais e como se isso pudesse ser um meio de transmissão de uma identidade, de permitir uma identificação mais forte” (BOUVIER, 2002, p. 111). Telêmaco, então, permaneceria como uma lembrança de Odisseu em Ítaca, que recorda a todos os feitos de seu pai (SVENBRO, 1993, p. 68). Outro exemplo a que

Eustácio (Comentário à Odisseia de Homero, v. 2, p. 705, 12-13, τ 406-435, ed. Stallbaum), aqui o termo ἐπώνυμος teria o mesmo valor de φερώνυμος (Ἐπώνυμον δὲ καὶ νῦν, ὡς καὶ ἐν ἄλλοις, τὸ φερώνυμον), um nome atribuído devido a algum acontecimento na vida do portador ou, neste caso específico, de um ancestral. Como Sulzberger (1926, p. 422) defende que ὄνομα ἐπώνυμον “é o termo consagrado para designar o nome determinado pela patronímia”, a tradução, segundo ele, deveria ser “que seja Odisseu o seu nome segundo a patronímia”. Joseph Russo, Manuel Fernández-Galiano e Alfred Heubeck (1992, p. 97 [v. III]), por sua vez, veem a expressão ὄνομα ἐπώνυμον como um jogo de palavras, seria “outro modo de se chamar a atenção para a significância do nome; ela expressa os próprios comentários do poeta sobre os nomes próprios, que apresentam uma visão valiosa das intenções literárias que cercam o seu uso” (KANAVOU, 2015, p. 24). Assim, mesmo que seja tentador traduzir o verso como “assim, que seja Odisseu seu nome significante”, não seria necessário. Frederico Lourenço traduz por “nome”, simplesmente, mas aqui a tradução foi modificada para “alunha”, que poderia cobrir de modo mais amplo o sentido de tal expressão.

⁸ Embora seja essa a etimologia apresentada em Homero, sua aceitação não é unânime. Sobre o nome de Odisseu, ver, por exemplo, os artigos de DIMOCK, 1956 e STANDORD, 1952. As hipóteses para esse nome não serão comentadas aqui para que não se perca o foco do trabalho – até porque é uma questão complexa, que pediria mais do que um “resumo”.

⁹ Conforme está em Eustácio (*Comentário à Odisseia de Homero*, v. 1, p. 145, 34-35, δ 10-12, ed. Stallbaum), “caiu-lhe assim o nome, já que se criou longe do pai que combatia [na guerra] (ou “caiu-lhe assim o nome, já que se criou estando o pai combatendo longe”; ὃ τοῦνομα οὕτως ἔπεσεν, ἐπειδὴ τήλε μαχομένου τοῦ πατρὸς ἐτράφη). Cf. SVENBRO, 1993, p. 68.

¹⁰ Cf. FINKERLBERG, 2011, s.v. Telemachus; KAMPTZ, 1982, § 10e1 (p. 31-32); SVENBRO, 1993, p. 68. Segundo Bruce Loudon (1995, p. 39), quando Agamêmnon chama a atenção de Odisseu por não se adiantar para a batalha, no fim da trégua entre gregos e troianos, Odisseu faz um jogo de palavras com o nome de Telêmaco, dizendo que Agamêmnon verá “o amado pai de Telêmaco [“o que combate de longe”] no meio dos combatentes dianteiros/ dos Troianos domadores de cavalos” (Hom., *Iliada*, 354-355).

se pode recorrer é o de Escamândrio/Astíanax (Σκαμάνδριος/Ἀστύαναξ): segundo a interpretação usual do texto, Heitor e Andrômaca lhe deram o nome *Escamândrio*, que evoca o Escamandro, principal rio troiano, mas os troianos chamavam-no de *Astíanax* (“senhor da cidade”), “pois só Heitor era baluarte de Ílion”;¹¹ o nome *Astíanax* remeteria a Heitor, com quem a criança deveria se parecer – afinal, o que melhor se pode desejar a um filho é que este se pareça com o pai, ou melhor ainda, o supere.¹² Mas esse exemplo talvez constitua na realidade um “desvio” do costume em questão, já que *Astíanax* – o nome que relaciona o filho de Heitor aos seus ancestrais – não foi dado à criança por Heitor ou por Príamo, mas pelos cidadãos de Troia, como um apelido.¹³

Entre os guerreiros menores da *Ilíada* temos como exemplo Agapenor (Ἀγαπήνωρ, “que ama a viril coragem”), filho do argonauta Anceu (Ἄγκαϊος, talvez de ἀγκέ, ἀγκάλη [‘braço’, ‘dobra do braço’, ‘cotovelo’]),¹⁴ um personagem de força e armamento selvagens, que vestia uma pele de urso e carregava um machado de dois gumes;¹⁵ Trasimedes (Θρασυμήδης, “que tem planos corajosos”, “de bravos conselhos”), filho de Nestor (Νέστωρ, talvez “aquele que retorna”), que é um personagem reconhecido por sua sabedoria, Podarces (Ποδάρκης, “que resiste [ou *defende*] com os pés”, “de pés ágeis”), filho de Íficlo (Ίφικλος, “célebre por sua força”), sendo este reconhecido por correr rapidamente,¹⁶ e o troiano Poliido (“que vê muitas coisas”), filho do intér-

¹¹ Hom., *Il.*, VI, 403. Sobre o significado do nome Astíanax, veja-se Paul Wathelet (1988, s.v. Ἀστύαναξ).

¹² Cf. ROMILLY, 2014; SULZBERGER, 1926.

¹³ Max Sulzberger (1926, p. 385-386) e G.S. Kirk (1985b, p. 212-213) levantam a possibilidade de ser Astíanax o nome do filho de Heitor, e não Escamândrio – nome que Heitor usaria devido à sua modéstia. Para que não se fuja muito do assunto dos nomes de guerreiros menores, esta questão não será discutida com detalhes aqui, mas uma vez que não compartilho a visão de Sulzberger e Kirk, seguirei a visão “comum” de que o nome da criança é Escamândrio, e Astíanax é um apelido.

¹⁴ O nome possivelmente seria adequado a uma montanha, mas talvez aplicável também ao personagem em questão, que seria um personagem forte.

¹⁵ Conforme Mariano Valverde Sánchez informa em nota à sua tradução das Argonáuticas, de Apolônio de Rodes (p. 101). Segundo Pausânias (*Descrição da Grécia*, VIII, 45, 2), Anceu teria suportado, apesar de ferido, um ataque do javali de Cálidon, o que certamente vem a comprovar sua bravura, expressa pelo nome de Agapenor.

¹⁶ Conforme está em Pausânias (V, 17, 10), Íficlo teria vencido a prova da corrida nos jogos fúnebres em honra a Pélias. É possível ainda que seja este o personagem sobre quem se diz que corria sobre asfódelos e espigas de trigo sem danificá-los. Não é certo, porém, se nos dois casos é o mesmo Íficlo (cf. o Fr. 62 de Hesíodo), mas Pausânias acredita ser.

prete de sonhos Euridamante.¹⁷ Merece atenção ainda o guerreiro troiano Laógono (Λαόγονος), filho de Biante (Βίας, “aquele que doma os homens”; “homem de força”), cujo nome tanto pode significar “aquele que engendra um povo guerreiro”, como “nascido do povo em armas”: se considerarmos que o nome de seu pai, que traz uma ideia de força excessiva, teria relação com sua personalidade (o que, na falta de mais informações sobre ele, só é possível imaginar), Laógono, para ambas as possibilidades de interpretação, funcionaria como epíteto para “um ‘violento’ Bias” (WATHELET, 1988, *s.v.* Λαόγονος II).¹⁸ Por vezes encontramos entre os nomes de guerreiros da *Ilíada* uma inversão dessa patronímia, em que o nome do pai é que denota uma característica do filho, como poderia ser o caso do guerreiro grego Nireu (Νιρέύς, “resplandecente”, “que brilha”),¹⁹ pois considera-se que o nome de seu pai, Cárops (Χάρωψ, “de olhos brilhantes”), teria sido inventado a partir do nome do filho. Os nomes de filhos que descrevem seus pais parecem ser históricos, enquanto os pais que portam nomes que descrevem seus filhos seriam provavelmente inventados para a ocasião e talvez remontem a epítetos originais; apesar, porém, de o tema do guerreiro obscuro que possui um dom ou habilidade especial ser típico na epopeia, acredita-se, em geral, que o trecho que menciona Nireu e seus pais não seria inventado.²⁰

A terceira patronímia é muito semelhante à segunda, mas agora o nome da criança é relacionado à profissão dos pais ou exprime uma qualidade que essa profissão exige. Segundo Heródoto (*História*, VI, 60), entre os lacedemônios e os egípcios era comum que certas profissões (as de arauto, flautista e cozinheiro) fossem passadas de pai para filho. É possível, então, que o mesmo costume existisse na sociedade homérica, e que os nomes fossem atribuídos a partir dessas profissões de transmissão hereditária, mas não há entre os

¹⁷ Euridamante tem outro filho, Abante (Ἄβας), mas nesse caso não parece haver relação entre o nome do filho e alguma característica de seu pai, já que se acredita que o nome Abante é um epônimo dos abantes, que ocupavam a ilha grega Eubeia. É digno de nota ainda que Poliido é também o nome de um adivinho, pai do guerreiro grego Euquenor (Εὐχίνωρ, XIII, 663-672), então nesse caso seria considerado um nome falante relacionado ao próprio portador.

¹⁸ Cf. também o verbete Βιάωρ.

¹⁹ É possível também que o nome signifique “belo”, o que conviria com a descrição que esse guerreiro recebe na *Ilíada*: “o homem mais belo entre os outros Dânaos / que vieram para debaixo de Ílion, à exceção do irrepreensível Pelida” ([...] ὃς κάλλιστος ἀνὴρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε / τῶν ἄλλων Δαναῶν μετ’ ἀμύμονα Πηλεΐωνα [Hom., II, II, 673-674]).

²⁰ Cf. KAMPTZ, 1982, § 9 (p. 25); KIRK, 1985a, p. 227.

guerreiros menores da *Ilíada* exemplos que se encaixem simultaneamente nos dois costumes: há os que portam nomes que exprimem a profissão do pai, mas não há indicações no poema de que o próprio guerreiro siga a mesma profissão – seria o caso do guerreiro grego Perifetes (Περιφήτης, “que fala por aí”, “que fala sobre”; pode ser interpretado também como “que fala muito”), cujo nome descreve a profissão de seu pai, o arauto Copreu, mas nada indica que Perifetes seria também um arauto –, ou o nome do guerreiro não se relaciona à sua profissão, mas os de seus ancestrais, sim – Féreclo (Φέρεκλος, “aquele que carrega a glória”), guerreiro troiano célebre por suas habilidades manuais, era filho de Técton (Τέκτων, “carpinteiro”) e neto de Hármon (Ἄρμων, “ajustador”).²¹ Seu nome não se relaciona com sua função ou com os nomes de seu pai e de seu avô, mas o fato de os nomes destes se relacionarem com a função de Féreclo pode sugerir que eles teriam sido inventados para evidenciar que a arte da carpintaria é uma atividade própria da família, sendo praticada por três gerações.²² Há, por fim, um caso em que os nomes podem indicar uma profissão, mas não há confirmação disso no poema: o nome do guerreiro troiano Demuco (Δημοῦχος, “aquele que tem terras”) e o de seu pai, Filétor (Φιλῆτωρ, “do coração que ama”, “o amante”), talvez tenham alguma relação com um antigo rito de iniciação cretense em que “o Φιλῆτωρ era um iniciador, alguém que introduzia um jovem na sociedade dos adultos, e que o tornava proprietário de um terreno, δημοῦχος”.

²¹ É possível que Técton não seja o nome do pai de Féreclo, mas apenas sua função, conforme designaria o termo τέκτων, com inicial minúscula (e então o poeta teria omitido seu nome), como defendem G. S. Kirk (1985b, p. 60), Margalit Finkelberg (2011, s.v. Phereklos) e David B. Munro e T. W. Allen, conforme mostra a adoção da inicial minúscula em τέκτων. Paul Wathlet, por sua vez, não exclui a possibilidade de Τέκτων ser um antropônimo (1988, s.v. Ἄρμων, Τέκτων e Φέρεκλος). Desse modo, as duas possibilidades para a passagem são: (a) Μηρίωνης δὲ Φέρεκλον ἐνήρατο, τέκτονος υἱὸν / Ἀρμονίδεω (“e Meriones matou Féreclo, filho do carpinteiro Harmônida”) e (b) Μηρίωνης δὲ Φέρεκλον ἐνήρατο, Τέκτονος υἱὸν / Ἀρμονίδεω (“e Meriones matou Féreclo, filho de Técton Harmônida”. Il. V, 59-60. Grifos meus). Caso τέκτων não seja mesmo um antropônimo, exprimindo apenas a função do pai de Féreclo, ficaria ainda mais evidente no texto que a prática da carpintaria teria passado entre gerações na sua família. Uma vez, porém, que existe a possibilidade de Τέκτων ser um nome próprio, ele foi entendido e incluído neste trabalho como tal.

²² Apesar de Féreclo ser mencionado por Apolodoro como construtor da nau de Páris (Epít., III, 2), nem Técton e nem Hármon são mencionados, o que pode corroborar com a possibilidade de eles terem sido inventados. Pode-se considerar, nesse sentido, que o nome de Féreclo poderia ter sido pensado de modo a evidenciar que embora a sua profissão tenha sido passada entre as gerações de sua família, ele seria aquele que “carrega a glória” de seu pai e de seu avô como carpinteiro.

Desse modo, a partir de uma perspectiva mitológica, Δημοῦχος se tornaria filho de Φιλίτωρ (WATHELET, 1988, s.v. Δημοῦχος).

Na quarta patronímia o nome da criança é quase um sinônimo do nome do pai; aqui a etimologia respectiva de cada um dos nomes – o do pai e o do filho – estabelece entre eles uma correspondência semântica: o filho é igual ao pai, mas a diferença dos nomes garante a um e outro a sua individualidade. Na *Iliada* há por exemplo o troiano Estenelau (Σθενέλαος, “que tem a força do povo em armas [ou *dos homens*]”), filho de Itêmenes (Ἰθαμίνης, possivelmente “de nobre força”), e o grego Euríalo (Εὐρύαλος), cujo nome pode ser interpretado como “o grande”, enquanto o nome de seu pai, Mecisteu (Μηκιστεύς), pode significar “enorme”. Talvez possam ser incluídos aqui ainda os guerreiros gregos Alcimedonte (Ἀλκιμέδων), cujo nome talvez contenha a ideia de *proteção*, podendo ser lido como “que governa com força protetora”,²³ aproximando-se assim do significado no nome de seu pai, Laerces (Λαέρκης, “onde há proteção para os homens”), e Prômaco (Πρόμαχος), já que seu nome pode ser entendido como “que combate por” ou “que combate em defesa de”, compartilhando então a ideia de defesa, proteção com o nome de seu pai, Alegénor (Ἀλεγήνωρ, “que se preocupa com o homem”); e o troiano Périmo (Πέριμος), cujo nome pode ser uma forma abreviada de Perimeces (Περιμήκης, “muito longo”, “alto”), sendo então relacionável ao nome de seu pai, Megas (Μέγας, “grande”).

A quinta patronímia provavelmente seria uma adaptação da quarta, e consiste em dar à criança o mesmo nome de um dos pais ou de um avô – é a chamada *paponímia* ou *isonímia*. A intenção aqui era reavivar no neto as virtudes do avô, uma vez que “dar o nome do avô ao recém-nascido era fazê-lo ressoar de novo e, conseqüentemente, aumentar o *kléos* do ancestral já (ou quase) falecido” (SVENBRO, 1993, p. 76). Glauco é um exemplo dessa patronímia, já que recebeu o nome do bisavô (*Il.* VI, 150-206). Entre os guerreiros menores temos como exemplo dessa prática o guerreiro grego Orsíloco (Ὀρσίλοχος, “que incita as tropas” ou “que faz emboscadas”), que porta um nome semelhante ao do seu avô, Ὀρτίλοχος.²⁴ Considera-se que a forma Ὀρσίλοχος teria se desenvolvido a partir de Ὀρτίλοχος, logo a grafia com

²³ Essa interpretação é feita a partir da afirmação de Pierre Chantraine (1999, s. v. ἀλκή - ἀλέξω) de que ἀλκή possui uma raiz ἀλκί (atestada apenas no dativo) que teria o significado de “força que permite se defender”. A outra interpretação para o nome Alcimedonte é “aquele que governa com força”, entendendo ἀλκή como ‘força’ apenas.

²⁴ O nome do guerreiro em questão é grafado como Ὀρτίλοχος por alguns editores (cf. FINKELBERG, 2011, s.v. Orsilochos).

-τ- poderia ser apropriada para uma geração anterior, sem que a conexão entre neto e avô fosse alterada (KIRK, 1985b, p. 115).

A sexta e sétima patronímias provavelmente resultaram também da quarta, e há poucos guerreiros menores da *Ilíada* que tenham sido nomeados seguindo esses dois costumes. A sexta patronímia consiste em dar ao filho uma parte do nome do pai, como Hipômaco (Ἰππό-μαχος, “que combate a cavalo”), filho de Antímaco (Ἀντί-μαχος, “que combate contra”), ambos compostos pelo verbo μάχομαι (‘lutar’, ‘combater’).²⁵ A sétima, por fim, está ligada aos nomes terminados em -ιδης, que em Homero é uma forma de patronímico. Embora não haja na *Ilíada* antropônimos com essa terminação, as formas patronímicas são muitos comuns no poema, sendo exemplos Αἰακίδης, Ἀτρεΐδης, Ἀρμονίδης (Eácida, Atrida, Harmônida, respectivamente).

A maior parte dos guerreiros menores gregos e/ou seus ancestrais que portam nomes que se encaixam nas cinco primeiras patronímias parece ser tradicional, já que esses guerreiros são mencionados também em outras fontes, como Apolodoro, Estrabão, Heródoto, Pausânias.²⁶ Quase todos os que se encaixam na segunda patronímia estão muito presentes em outros textos,²⁷ sendo a possível exceção Cárops, pai de Nireu, que aparentemente

²⁵ Max Sulzberger acredita que haveria aqui, e na proximidade entre os nomes Agenor e Antenor (Ἀγήνωρ e Ἀντήνωρ, compostos por ἀνήρ, ‘homem’), apenas uma coincidência não relacionada à sexta patronímia, talvez porque esses nomes (principalmente Antímaco) seriam comuns na antroponímia grega. Como, porém, Sulzberger não apresenta argumentos para defender sua afirmação, tais nomes serão incluídos neste trabalho como exemplo da sexta patronímia. O único exemplo que Sulzberger aceita está em IV, 395: υἱός τ’ Αὐτοφώνου μενεπτόλεμος Πολυφόντης (“e o filho de Autófono, o valente Polifontes”), em que o segundo elemento de ambos os nomes viria do verbo θείνω (‘golpear’, ‘matar’; cf. KAMPTZ, 1982, § 66 [p. 224 e 226]; CHANTRAINE, 1999, s. v. θείνω; BEEKES, 2010, s. v. φόνος). Note-se que esses dois nomes são muito raros na antroponímia grega, logo é realmente possível que a visão de Sulzberger seja guiada pela frequência com que eles são usados, porém esse critério me parece um tanto arbitrário, porque o simples fato de um nome ser comum não indica que seu uso na poesia não foi calculado.

²⁶ Não se trata aqui de um levantamento exaustivo, e sim de uma simples amostragem colhida em autores cujas obras (à exceção do Ciclo Troiano, que é uma coleção de fragmentos) foram mais bem preservadas. É possível que a presença desses personagens nesses autores derive de Homero, mas não é incomum que sejam acrescentadas informações sobre eles que não constam em Homero.

²⁷ Agapenor é incluído por Apolodoro entre os pretendentes de Helena (Bibl., III, 10, 8) e no catálogo das naus presente na Epít. (III, 12), em que é dito também que depois da guerra ele se estabeleceu no Chipre (VI, 15), onde teria fundado Pafo (Estrabão, *Geografia*, XIV, 6, 3; Paus., VIII, 5, 2). Anceu, por sua vez, é mencionado entre os argonautas (Apollod., *Bibl.*, I, 8, 2; Apolonio de Rodes, *Argonáutica*, I, 164; Paus., VIII, 4, 10). Trasimedes é mencionado novamente

seria mencionado apenas ao lado do filho, o que talvez dê suporte à hipótese de que ele teria sido inventado.²⁸ Entre Perifetes e Copreu, que se enquadram na terceira patronímia, apenas Copreu é mencionado em outras fontes, e Perifetes não é mencionado em outros textos, logo é possível que ele tenha sido inventado.

[O nome de Copreu vem de] κόπρος em seu sentido amplo de ‘curral’ e significa simplesmente ‘fazendeiro’ [...]. A conjunção do nome de um arauto com o símile bovino [no momento de sua morte] soprou Copreu na mente do poeta? Homero certamente farejou opróbrio no serviço prestado a Euristeu [...], pois cuida de edificar Perifetes, chamando-o de bom em tudo, e até mesmo, uma raridade do mundo heroico, de um filho melhor que o pai (JANKO, 1985, p. 298).²⁹

Dos guerreiros menores gregos que se enquadram na quarta patronímia somente Euríalo e Mecisteu são mencionados em outras fontes, já que Euríalo (embora tenha uma participação pequena na *Ilíada*) teria sido um dos argonautas e teria marchado contra Tebas ao lado de Diomedes, e Mecisteu teria sido um dos “sete contra Tebas”.³⁰ Alcimedonte – que pode ter sido inventado

na *Odisseia* (p. ex. em III, 414), nos Fragmentos de Hesíodo (Fr. 35) e em Apolodoro (Bibl. I, 9, 9), que listam os filhos de Nestor, e por Diodoro Sículo (*Biblioteca histórica*, XII, 61, 3, quando é mencionado o cerco a Pilos por Demóstenes). Sendo um personagem tradicional de grande renome e presente em diversos mitos, as menções a Nestor são, naturalmente, muito numerosas, estando presente em quase todas as fontes consultadas – ele aparece, por exemplo, na *Odisseia* (III), auxiliando Telêmaco, é mencionado nos Fragmentos de Hesíodo (p. ex. Fr. 33, 34, 36), na *Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo (p. ex. IV, 31, 4), na *Geografia* de Estrabão (p. ex. VIII, 3, 1), na *Descrição da Grécia*, de Pausânias (p. ex. III, 26, 8), na *Biblioteca* de Apolodoro (p. ex. II, 7, 3). Podarces é incluído entre os pretendentes de Helena no Fr. 199 de Hesíodo e é mencionado ainda por Apolodoro (Bibl. I, 9, 12). Íficlo, que é uma figura mais proeminente na mitologia, está nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (p. ex. I, 45), nos Fragmentos de Hesíodo (p. ex. Fr. 62), na *Descrição da Grécia*, de Pausânias (IV, 36, 3).

²⁸ Nireu e Cárops são mencionados por Diodoro Sículo, que diz que Nireu teria reinado na ilha de Sime (V, 53, 2), e no catálogo das naus presente em Apolodoro (Epít., III, 13). Diodoro Sículo menciona um Cárops, rei dos trácios e pai de Eagro (III, 65, 4-6), que não parece ser o personagem da *Ilíada*, até porque Nireu era o comandante das tropas de Sime, que é uma ilha do mar Egeu.

²⁹ Cf., sobre isso, FINKELBERG, 2011, s.v. Kopreus. Apolodoro (Bibl., II, 5, 1) apresenta Copreu como o mensageiro que levava a Hércules as ordens de Euristeu, e seu nome seria uma referência à tarefa que Hércules teve de cumprir de limpar os estábulos de Augias. O caráter de Copreu, então, teria sido manchado por ele ter trabalhado para Euristeu, daí o “opróbrio” mencionado.

³⁰ Apollod., *Bibl.*, I, 9, 16 III, 7, 2; Paus., *II*, 20, 5. Mecisteu, por sua vez, teria ido a Tebas participar dos jogos fúnebres em honra a Édipo (*Il.* XXIII, 678-680; Paus., I, 28, 7), e segundo Apolodoro (*Bibl.* III, 6, 3), ele seria um dos “sete contra Tebas”.

de modo a ser um “duplo” de Automedonte – aparece apenas numa citação da *Ilíada* feita por Estrabão (*Geografia*, VIII, 5, 3), e Laerces não é mencionado em outras fontes, bem como Prômaco e Alegénor, que são mencionados somente na *Ilíada*, assim é possível que tenham sido inventados (JANKO, 1985, p. 344, 220). Na quinta patronímia temos somente Orsíloco e Ortíloco, e ambos – e também Diocles (Διοκλῆς, “que tem a glória de Zeus”; “glória de Zeus”), e Créton (Κρήθων, “que calunia” ou, mais provável, formado a partir do nome de Creteu [Κρηθεύς], fundador de Feras), respectivamente pai e irmão de Orsíloco – são amplamente mencionados em outras fontes, sendo provavelmente personagens tradicionais. Na *Odisseia*, inclusive, Telêmaco pernoita por duas ocasiões no palácio de Diocles (III, 487-490 e XV, 185-188), que é “claramente uma figura importante na tradição, e as sete cidades, todas as quais parecem corresponder aos locais micênicos ao redor da cabeça do golfo da Messênia, tinham algum *status* histórico” (KIRK, 1985b, p. 115).³¹

No que concerne aos guerreiros menores troianos e seus ancestrais que portam nomes que se encaixam nas sete patronímias, quase todos parecem ter sido inventados; quase nenhum é mencionado em outros textos – no máximo em Eustácio e em outras obras que estudam e comentam os poemas homéricos –, todos aparecem no poema apenas no momento de sua morte, e seus nomes são considerados em geral “nomes de estoque”, comuns na mitologia grega e incluídos em listas de guerreiros mortos por um herói ou em cenas de batalha para dar dinamicidade a elas. Apenas dois desses personagens são mencionados em outras fontes: Fére clo (terceira patronímia), que embora também apareça na *Ilíada* apenas para ser morto por Meríones, é mencionado por Apolodoro como construtor das naus de Páris (*Epítome*, III, 2) – mas não há menção a seu pai nem a seu avô –, e Itêmenes, pai de Estenelau (quarta patronímia), que talvez tenha sido incluído numa pintura feita por Polignoto da captura de Ílio e a partida dos gregos, conforme descreve Pausânias: eles estariam se preparando para zarpar; foram retratados, entre outros homens, Menelau e Nestor, e “algum Itêmenes, que carrega um vestido”.³² Isso provavelmente viria corroborar a ideia de que muitos dos guerreiros menores troianos foram inventados, e seus nomes foram criados ou retirados de um estoque para dar movimento às cenas de batalha

³¹ As “sete cidades” mencionadas são aquelas oferecidas por Agamêmnon a Aquiles (IX, 150-153), entre as quais está Feras, de onde vieram os guerreiros Créton e Orsíloco (II, V, 541-553). Os personagens são mencionados por Pausânias (IV, 30, 2), mas ele adota a grafia Ὀρσίλοχος para se referir tanto ao guerreiro como ao seu avô.

³² καὶ [...] Ἰθαμῆνης/ τέ τις κομίζων ἐσθήτα (Paus., X, 25, 3. Tradução minha).

ou aumentar as listas de vítimas de heróis principais, uma vez que tirar um guerreiro do anonimato é conferir a ele certa importância, isto é, ele passa a ser um guerreiro digno de ter seu nome levado para a posteridade. Essa importância aumenta quando seus ancestrais são nomeados também, porque mostra sua ascendência, mostra que aquele guerreiro faria parte de uma classe social, embora caia pelas mãos de um guerreiro mais forte, até porque apenas pertencer à classe social certa e ter uma ascendência digna de ser nomeada não garante o sucesso de um guerreiro (HIGBIE, 1995, p. 11).

O uso do patronímico e da patronímia “seleciona um homem numa multidão; dá-lhe um contexto, uma filiação a uma classe social superior e honra” (HIGBIE, 1995, p. 10) – como vemos por exemplo quando Agamêmnon instrui Menelau a chamar cada guerreiro “pela linhagem e pelo nome paterno, / honrando todos eles”,³³ e quando Nestor, ao exortar os guerreiros gregos, “convocava cada homem em nome do seu genitor”³⁴ –, além de poder relacionar um guerreiro aos feitos de seus ancestrais. Através desse expediente, o poeta pode fazer com que seus ouvintes se lembrem dos ancestrais e/ou descendentes de um guerreiro poderoso, no caso dos guerreiros maiores, pode fornecer uma breve biografia de personagens pouco conhecidos e, no caso dos guerreiros menores – que muitas vezes parecem ter sido inventados –, isso serve como uma informação a mais, que amplia a imagem das cenas de batalha e, elevando a importância do guerreiro morto, eleva também o feito daquele que o mata. Ao mencionar a linhagem de um herói, o poeta reitera as exigências que essa linhagem traz para o guerreiro em questão, como fica bem visível na *Iliada* na figura do Tideu Diomedes: a fama de Tideu faz com que se esperem de Diomedes feitos tão gloriosos quanto os de seu pai, e mais de uma vez os feitos de Tideu são mencionados para provocar Diomedes, numa comparação negativa entre pai e filho que conclui que Diomedes não teria a mesma força e bravura de seu pai.³⁵ Evocar o nome do pai de um guerreiro significa apelar para o compromisso moral que ele assume, involuntariamente, no momento mesmo do seu nascimento.

³³ φθέγγεο δ' ἢ κεν ἴηθα καὶ ἐγρήγορθαι ἄνωχθι / πατρώθεν ἐκ γενεῆς ὀνομάζων ἄνδρα ἕκαστον / πάντα κυδαίνων (Hom., *Il.*, X, 67-69).

³⁴ Νέστωρ αὐτε μάλιστα Γερήνιος οὔρος Ἀχαιῶν/ λίσσεθ' ὑπὲρ τοκέων γουνούμενος ἄνδρα ἕκαστον (Hom., *Il.*, XV, 559-660. Tradução minha).

³⁵ Agamêmnon faz isso em IV, 368-400 e Atena, em V, 800-813. Provoações são formas comuns de exortação na *Iliada*, e em ambos os casos as falas fazem com que Diomedes (que em nenhuma das situações estava fugindo do combate, vale dizer) tome a atitude esperada por parte do falante e volte para a batalha.

O dado biográfico, em princípio meramente acessório, converte-se na própria biografia do herói, cabendo então a este apenas o gesto de efetivá-la; num certo sentido, a nomeação de um guerreiro tolhe a sua liberdade na medida em impede uma escolha que frustraria a expectativa gerada pelo seu nome. Logo, é visível que, no bojo da tradição, nome e destino são duas instâncias que se retroalimentam. Há encontros entre guerreiros, durante a batalha, em que um deles informa com orgulho qual é sua linhagem (Diomedes pergunta a Glauco em VI, 123-127, com a resposta deste em 145-211, e Eneias informa a Aquiles sua genealogia em XX, 203-241), porque sem um patronímico, uma genealogia e um lugar de origem, não é possível inserir o guerreiro na esfera social à qual ele pertence no mundo homérico, e a audiência não saberá o que esperar dele (HIGBIE, 1995, p.11). São esses elementos que permitem deduzir quais as qualidades que um guerreiro pode ter herdado do seu pai ou do seu avô – e quanto mais renome os ancestrais tiverem, tanto mais o guerreiro pode se orgulhar de sua ascendência. Como os guerreiros menores costumam ser pouco conhecidos, podendo mesmo ter sido inventados pelo poeta para aumentar as fileiras ou a quantidade de vítimas de um guerreiro maior, seu patronímico pode não fazer com que o guerreiro seja associado pela audiência aos feitos de seus pais e avôs, mas a menção ao nome de seus ancestrais confere a um guerreiro menor certa importância, pois mostraria que ele vem de uma linhagem que vale a pena ser nomeada e o caracteriza como membro da aristocracia guerreira.

O caráter original dos pais de certos combatentes torna a morte destes últimos sob os golpes dos heróis aqueus ainda mais cruel. Em muitas passagens Homero sublinha o desaparecimento de todos os filhos de uma família, e que os bens de seu infeliz pai irão para outros. Os heróis aqueus aparecem frequentemente como destruidores de instituições (WATHELET, 1989, p. 62).

Desse modo, a patronímia parece servir em Homero principalmente como um expediente poético, uma forma de ancorar definitivamente o filho aos pais ou à linhagem que ele pertence e, ao mesmo tempo, garantir não apenas a memória coletiva de uma família, mas também os elementos individuais que constituem toda uma estrutura social. Mesmo no caso dos troianos, que por vezes são retratados no poema como bárbaros,³⁶ a conexão entre membros da família e seus nomes evidencia que eles são uma comunidade politicamente ordenada em torno de certas famílias tradicionais. Assim, mais do que um nome isolado, o que realmente importa são os nomes que se conectam

³⁶ Isso é visível, por exemplo, em passagens que contrastam o barulho e a desorganização troianos com o silêncio e a disciplina gregos (cf. *Il.* IV, 422-436).

(o pai, o filho, o avô) formando os fios de um tecido cultural. Trata-se, então, de uma percepção da cultura fundada no nome.

[Recebido em julho/2023; Aceito em agosto/2023]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Edições e traduções de Homero

- Homeri Opera*. Edited by David B. Monro and Thomas W. Allen. Oxford: Oxford University Press, 1920. 2 v.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2008.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2018.

Outras fontes

- Apollonii Rhodii Argonautica*. Edited by H. Fraenkel. Oxford: Clarendon Press, 1961.
- APOLODORO. *Biblioteca mitológica*. Traducción de José Calderón Felices. Barcelona, [s.n.], 1985.
- APOLODORO. *Biblioteca mitológica*. Traducción de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Gredos, 1985.
- APOLONIO DE RODAS. *Argonáuticas*. Traducción y notas de Mariano Valverde Sánchez. Madrid: Gredos, 1996. (Biblioteca Clásica Gredos, 227).
- ESTRABÓN. *Geografía*. Traducción y notas de J. L. García Ramon y J. García Blanco. Madrid: Gredos, 1991. (Biblioteca Clásica Gredos, 159).
- Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Iliadem*. Ad fidem exempli romani editi. Edited by M. Devarius. Leipzig: Johann August Gottlob Weigel, 1827-1830. 4 v.
- Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Odysseam*. Edited by J. G. Stallbaum. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 2 v.
- Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Iliadem pertinentes*. Edited by Marchinus van der Valk. Leiden: Brill, 1971-1987. 4 v.
- Fragmenta Hesiodica*. Edited by R. Merkelbach and M. L. West. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- PAUSANIAS. *Descripción de Grécia*. Traducción de María Cruz Herrero Ingelmo. Madrid: Gredos, s.d. (Biblioteca Clásica Gredos, 197).
- Pausaniae Graeciae descriptio*. Edited by F. Spiro. Leipzig: Teubner, 1903. 3 v.
- PLATÃO. *O banquete*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: ed.ufpa, 2011.
- PLATO. *Leges*. In: *Platonis Opera*. Edited by J. Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1907. v. V.
- PLATO. *Symposium*. In: *Platonis Opera*. Edited by J. Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1901. v. II.
- PLATON. *Les lois*. Livres I à VI. Traduction par Luc Brisson et Jean-François Pradeau. Paris: Flammarion, 2006.
- PSEUDO-APOLLODORUS. *Apollodori bibliotheca*. Edited by R. Wagner. Leipzig: Teubner, 1894.
- Scholia in Apollonium Rhodium Vetera*. Edited by Karl Wendel. Berlin: Weidmann, 1974.
- Strabonis geographica*. Edited by A. Meineke. Leipzig: Teubner, 1877. 3 v.
- WEST, M. L. (Ed.). *Greek Epic Fragments*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

- ASSUNÇÃO, T. R. Nota crítica à “bela morte” vernantiana. *Clássica*, v. 7/8, p. 53-62, 1994/1995.
- AUTENRIETH, G. A *Homeric Dictionary*. Translated by Robert P. Keep. New York: Harper & Brothers, 1895.
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950.
- BEEKES, R. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2010. 2 v.
- BOUVIER, D. Hector et les hommes de demain. In: _____. *Le sceptre et la lyre*. L'Iliade ou les héros de la mémoire. Grenoble: Jérôme Millon, 2002, p. 51-134.
- BRANDÃO, J. J. L. *Antiga Musa*: arqueologia da ficção. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*: histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1999.
- CUNLIFFE, R. J. A *Lexicon of the Homeric Dialect*. Norman: University of Oklahoma Press, 1963. *Dizionario etimologico della mitologia greca (DEMGOL)*. Disponível em: <<https://demgol.units.it/index.do>>.
- DIMOCK JR., G. E. The Name of Odysseus. *The Hudson Review*, New York, v. 9, n. 1, 1956, p. 52-70.
- EDWARDS, M. W. *The Iliad: A Commentary*. Books 17-20. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. V.
- FINKELBERG, M. (Org.). *The Homer Encyclopedia*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2011. 3 v.
- HAINSWORTH, B. *The Iliad: A Commentary*. Books 9-12. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. III.
- HEUBECK, A.; HOEKSTRA, A. A *Commentary on Homer's Odyssey*. Books IX-XVI. Oxford: Clarendon Press, 1989. v. II.
- HEUBECK, A.; WEST, S.; HAINSWORTH, J. B. A *Commentary on Homer's Odyssey*. Books I-VIII. Oxford: Clarendon Press, 1988. v. I.
- HIGBIE, C. *Heroes' Names, Homeric Identities*. New York: Garland Publishing, 1995.
- HOLLAND, G. B. The Name of Achilles: A Revised Etymology. *Glotta*, v. 71, n. 1-2, p. 17-27, 1993.
- JANKO, R. *The Iliad: A Commentary*. Books 13-16. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. IV.
- KAMPTZ, H. von. *Homerische Personennamen*: Sprachwissenschaftliche und historische Klassifikation. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.
- KANAVOU, N. *The Names of Homeric Heroes*: Problems and Interpretations. Boston: De Gruyter, 2015. (Studies in the Recovery of Ancient Texts, 15).
- KIRK, G. S. *The Iliad: A Commentary*. Books 1-4. Cambridge: Cambridge University Press, 1985a. v. I.
- KIRK, G. S. *The Iliad: A Commentary*. Books 5-8. Cambridge: Cambridge University Press, 1985b. v. II.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *Greek-English Lexicon*. New York: Harper & Brothers, 1883.
- LOUDEN, B. Categories of Homeric Wordplay. *Transactions of the American Philological Association*, v. 125, p. 27-46, 1995.
- LUCKENBILL, D. D. A Possible Occurrence of the Name Alexander in the Boghaz-Keui Tablets. *Classical Philology*, v. 6, n. 1, p. 85-86, Jan. 1911.
- RICHARDSON, N. *The Iliad: A Commentary*. Books 21-24. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. VI.

- ROMILLY, J. de. L'Iliade, une épopée différente des autres. In: _____. *Pourquoi la Grèce?* France: Éditions de Fallois, 2014, p. 25-67.
- RUSSO, J.; FERNÁNDEZ-GALIANO, M.; HEUBECK, A. *A Commentary on Homer's Odyssey*. Books XVII-XXIV. Oxford: Clarendon Press, 1992. v. III.
- STANFORD, W. B. The Homeric Etymology of the Name Odysseus. *Classical Philology*, Chicago, v. 47, n. 4, 1952, p. 209-213.
- SULZBERGER, M. Ὀνομα ἐπώνυμον: les noms propres chez Homère et dans la mythologie grecque. *Revue des Études Grecques*, v. 39, n. 39-183, p. 381-447, 1926.
- SVENBRO, J. The Child as Signifier: The "Inscription" of the Proper Name. In: _____. *Phrasikleia: An Anthropology of Reading in Ancient Greece*. Translated from the French by Janet Lloyd. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1993, p. 64-79.
- VERNANT, J.-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. Tradução de Elisa A. Kossovitch e João A. Hansen. *Discurso*, n. 9, p. 31-62, 1978.
- WATHELET, P. *Dictionnaire des Troyens de l'Iliade*. Liège: Université de Liège, 1988. 2 v.
- WATHELET, P. *Les Troyens de l'Iliade: mythe et histoire*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- NAGY, G. The Name of Achilles: Questions of Etymology and 'Folk-Etymology'. *Illinois Classical Studies*, v. 19, p. 3-9, 1994
- NIKOLAEV, Alexander. The Name of Achilles. In: WHITMARSH, Tim; WARREN, James [Eds.]. *Greek and Latin from An Indo-European Perspective*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 2007, p. 162-214.